

SURDOLIMPIADAS 2022: UMA COMPETIÇÃO QUE NECESSITA DE MAIS ESPAÇO:

Saiba mais sobre a segunda competição multiesportiva mais antiga da história que ocorreu pela primeira vez em solo brasileiro.



A segunda competição multiesportiva mais antiga da história, com a participação de dezenas de atletas de diferentes modalidades, que ocorre a cada quatro anos, e desta vez aconteceu pela primeira vez na América Latina. Estamos vibrando sempre com a conquista de atletas olímpicos brasileiros, e apesar dessa vasta descrição, a competição a qual a reportagem trata ainda é desconhecida pela sociedade. Estamos falando das Surdolimpiadas, uma olimpíada exclusiva para atletas surdos.

A surdolimpiada teve sua primeira edição em 1924, em Paris, sendo assim, o primeiro evento esportivo para pessoas com necessidades especiais. Diferente das Paralimpiadas, que surgiu com o intuito de reabilitar soldados que se lesionaram nos combates da Segunda Guerra Mundial, os atletas das surdolimpiadas não possuem deficiências físicas ou motoras que atrapalhem o desempenho. Para participar da competição, o atleta deve ter uma perda auditiva bilateral acima de 55

decibéis, e também no caso do Brasil, o atleta deve ser afiliado a confederação brasileira de surdos.

Após vinte e três edições das surdolímpiadas, finalmente ela será realizada pela primeira vez na América Latina, em Caxias do Sul. A competição que ocorre a cada quatro anos, teve sua última edição em Samsun, na Turquia - e a próxima edição seria realizada em 2021, porém com o impacto da pandemia do coronavírus, a mesma foi adiada para o ano de 2022, com início no dia primeiro até quinze de maio. Jeremia Martins, da comissão das surdolímpiadas 2022 afirma “Foi um grande desafio já que durante o processo adversidades especiais surgiram no caminho, situações como uma Pandemia, a volta do vírus com a variante “Ômicron” e o conflito entre Rússia e Ucrânia, foram situações que não tinham como serem previstas e exigiram inovação e adaptação na organização do evento para que o mesmo ocorresse com os reajustes necessários.”

A 24ª edição das Surdolimpiadas, que foi realizada no Brasil, contou com a maior delegação brasileira da história, com 237 integrantes, sendo 199 atletas (110 homens e 89 mulheres) e representação em 17 modalidades masculinas e femininas. Ao todo, a cidade de Caxias do Sul, recebeu para o evento mais de cinco mil pessoas representando 77 modalidades.

A surdolimpíada é um palco contra o preconceito e por uma maior visibilidade à comunidade surda. Em especial, a 24ª edição das surdolimpiadas também serviu como palco para atletas expressarem seus sentimentos em relação à sociedade.



O país que liderou o quadro de medalhas foi a Ucrânia, com 62 medalhas de ouro e 38 medalhas de prata e bronze, totalizando 138 medalhas ao total. Esta conquista foi um ato gigantesco por parte dos atletas ucranianos, que em números, 258 surdoatletas deixaram o país antes mesmo da guerra contra a Rússia para participar das surdolímpiadas. Na cerimônia de abertura, a delegação ucraniana desfilou com uma bandeira pedindo para a guerra com a Rússia parar.

Santa Maria na Deaflympics 2022:



Foto: Pedro Piegas

A cidade de Santa Maria esteve representada nas Surdolimpiadas, com 11 atletas e quatro pessoas envolvidas na organização do evento. Os atletas estavam presentes nas seguintes modalidades: Futebol de Campo, Mountain Bike, Vôlei, Ciclismo de Estrada e Basquete.

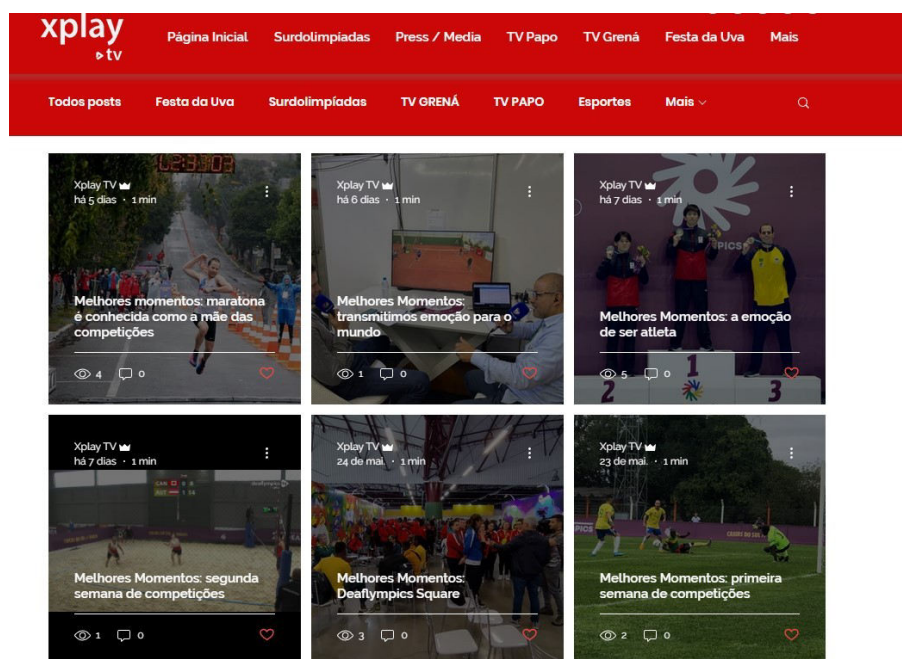
Quando perguntada a respeito da importância da competição para a comunidade, Maria Esther, técnica da seleção brasileira de vôlei ressalta: “O esporte é um poderoso artefato cultural da comunidade surda, pois o esporte fortalece a identidade surda, o foco é no potencial, na capacidade. As Surdolimpiadas são fundamentais para os surdos”.

A respeito de fazer parte de um evento deste tamanho, Maria Esther complementa: “É uma felicidade para toda pessoa que trabalha com esporte ir para uma Olimpíada

Mundial. Além do mais, fiz o Juramento de da Cerimônia de Abertura dos Técnicos e Árbitros em Língua Internacional de Sinais. Uma honra que jamais imaginei! Sou grata por tudo que essa grandeza do mundo surdo trouxe para minha vida! “. Maria Esther ainda menciona um convite para permanecer como técnica da seleção brasileira de vôlei, porém seu foco ainda é colaborar com o desenvolvimento de esportes para surdos.

Para uma competição de alto nível e inédita para o estado, os surdoatletas precisam de incentivos e locais para se preparar para os jogos. De acordo com Maria Esther, a prefeitura disponibiliza o CDM(Centro Desportivo Municipal) para os treinamentos. Toríbio Malagodi, integrante da comissão organizadora do Deaflympics e surdoatleta da seleção brasileira de vôlei destaca: “Os atletas se preparam por conta própria, geralmente tem apoio para incentivo da prática entre a comunidade surda, mas de alto rendimento não se tem esse apoio.”

Visibilidade da competição:



Captura do site “Xplaytv.digital”, única maneira de assistir os jogos.

Competições semelhantes às Surdolimpiadas, como os jogos olímpicos e as Paraolimpiadas, tem seu espaço e visibilidade em relação a imprensa, seja em transmissões dos jogos em diversos canais simultâneos, ou até mesmo em longas

matérias e entrevistas sobre os atletas. Em relação às surdolimpíadas, ou como é oficialmente chamada, Deaflympics, o mesmo não acontece. O evento foi transmitido somente através do serviço de streaming “Xplay”, de forma gratuita, porém sem a divulgação necessária para quem quisesse acompanhar os jogos.

“Assim, infelizmente aqui no Brasil, o esporte dos surdos é bem desvalorizado e reconhecido, tanto que tivemos dificuldades para obter recursos para a prática de esporte, até mesmo custeio para a participação. Eu participei dos Deaflympics em Taiwan, e a mídia era presente, passando em quase todos os canais de TV aberta. Aqui no Brasil tivemos algumas inserções, porém sem cobertura forte, tanto que a maior cobertura era a nossa própria empresa de transmissão online.” diz Toríbio.

Maria Esther também destaca que a cidade-sede do evento deveria ter divulgado mais o torneio. “Acredito que teve uma boa visibilidade. Poderia ter sido maior. Estávamos hospedados numa cidade próxima a Caxias do Sul que não sabia que estava acontecendo o evento! Então penso que deveria ter sido mais divulgada na região. Em contrapartida, aqui em Santa Maria e nas emissoras estaduais, pelo que percebi, foi amplamente divulgada. Recebi muitos convites para entrevistas, muitas mensagens de apoio.

Precisamos manter a divulgação do esporte de surdos e ter presença de intérpretes constantes na televisão.”.

Como citado por Toríbio, a Deaflympics de 2009 realizada no Taiwan, teve uma forte cobertura por parte da mídia. Assim como a penúltima edição dos jogos sediada na Turquia, onde a competição era transmitida nos principais canais de televisão do país, durante os três turnos do dia. De acordo com a presença do público aos jogos na cidade de Caxias do Sul, Jeremias reforça “O público durante os jogos foi muito bom, durante os dias de semana muitas escolas levaram as crianças para assistirem os jogos, e no final de semana muitos ginásios cheios, com famílias que torciam e curtiram bastante este grandioso evento acontecendo na cidade.”.

A próxima edição da Deaflympics de verão será realizada em Tóquio, no Japão, com a expectativa de quebrar ainda mais barreiras e lutar por uma melhor inclusão. O Brasil encerrou sua participação na Deaflympics 2022, na 44ª posição, somando

seis medalhas de bronze ao todo, o maior número de medalhas já conquistado pelo país na história da competição.



Medalhistas brasileiros na Deaflympics 2022. Em ordem: Rômulo Crispim, Alexandre Fernandes, Guilherme Maia, Seleção de Handebol feminino, Seleção de futebol feminino

Reportagem por: Bruno Lorenzi

